

## RETRADUÇÃO COMENTADA DE UM PROÊMIO DE LEONARDO DA VINCI

Paulo Henrique Pappen\*

### RESUMO

Este artigo analisa uma tradução existente e propõe duas retraduições de um texto de Leonardo da Vinci. Trata-se de um proêmio para uma obra (possivelmente um livro sobre anatomia) que não chegou a ser concluída. Primeiramente, sobretudo com base em ideias de Berman (1995; 2013) sobre tradução e crítica de tradução, analiso uma tradução de 1997. Depois, proponho uma retradução, buscando unir procedimentos literais (VINAY & DARBELNET, 1972) a uma concepção de tradução que leve em conta o ritmo (MESCHONNIC, 2010). Finalmente, sempre tendo como aspecto norteador a questão do ritmo, proponho uma terceira tradução do proêmio, que busca equilibrar a literalidade com a adequação a um português brasileiro contemporâneo em que se reconheça o italiano antigo, mas sem estranhamentos exagerados.

**Palavras-chave:** Crítica de tradução; Retradução; Leonardo da Vinci.

### ABSTRACT

This paper analyses a previous translation and proposes two retranslations of a text written by Leonardo da Vinci. The text is an introduction to some work (possibly a book on anatomy) that nevertheless was not finished. Firstly, based on Berman's (1995; 2013) ideas about the translation and translation criticism, I analyse a translation made in 1997. Secondly, I propose a retranslation that tries to unify a literal bias (VINAY & DARBELNET, 1972) and a concept of translation that accounts for the rhythm (MESCHONNIC, 2010). Finally, being the rhythm the guiding aspect of the entire exercise, I propose a third translation of Leonardo's text, aiming at an equilibrium between literality and a better adequacy to the contemporary Brazilian Portuguese, in which nonetheless the ancient Italian could be recognized, but with no excess of strangeness.

**Keywords:** Translation critics; Retranslation; Leonardo da Vinci.

### Introdução

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Leonardo da Vinci (1452 – 1519), além de seu trabalho em pintura, escultura, arquitetura, anatomia, mecânica, deixou uma vasta obra escrita, que pode ser considerada “filosófica e literária” (VINCI, 1979). Em seus manuscritos, constam anotações sobre estudos, traduções feitas por ele a partir de obras que lia, reflexões sobre arte, ciência, moral, bem como fábulas, alegorias, anedotas e instruções sobre pintura, biologia e matemática. Os textos são curtos, em geral fragmentados, compostos por um ou dois parágrafos. Foram escritos ao longo de toda a vida dele, sendo datáveis de 1478 até 1518 (MUSEO, 2016). Este também é o caso do texto em questão aqui.

O proêmio está no *Codice Atlantico*, que reúne desenhos e alguns apontamentos sobre assuntos variados (estudos de matemática, geometria, botânica etc.). Presente, hoje, na Biblioteca Ambrosiana de Milão, foi organizado por pesquisadores em doze volumes, formados por 1119 folhas de 65x44cm. O nome *Codice Atlantico* se deve ao fato de, inicialmente, os papéis terem sido organizados em um único volume, num formato comum aos atlas (MUSEO, 2016).

Segundo Anna Maria Brizio, o trecho seria parte de alguns “esboços para um proêmio de anatomia e perspectiva”<sup>1</sup> (VINCI, 2009, p. 168). Esse proêmio foi transcrito por quase todos os antologizadores dos textos leonardianos, cada um tomando a liberdade de pontuar e preencher eventuais lacunas, já que Leonardo escrevia sem pontuação e, muitas vezes, com abreviações. Neste trabalho, utiliza-se a transcrição de Augusto Marinoni, pois foi a utilizada pela tradução de 1997<sup>2</sup>. Essa transcrição está presente na edição bilíngue aqui referida como VINCI, 1997.

## 1. A tradução de 1997

O proêmio em questão faz parte do livro *Obras literárias, filosóficas e morais*, publicado em 1997 pela Editora HUCITEC. Esse livro, em edição bilíngue, é uma tradução da antologia *Scritti letterari* (VINCI, 1980), que reúne transcrições de Augusto Marinoni de textos de Leonardo da Vinci. A tradutora da obra de 1997 se chama Roseli Sartori. Além de Leonardo da Vinci, ela traduziu também Giovanni Boccaccio e

---

<sup>1</sup>“Abbozzi per un proemio d’anatomia e prospettiva”. As traduções neste artigo são minhas, a não ser quando for indicado o contrário.

<sup>2</sup> Existem outras traduções desse proêmio, por exemplo a de Eduardo Carreira (CARREIRA, 2000), que afirma ter feito sua própria transcrição do texto de Leonardo da Vinci. Entretanto, este artigo se concentrará na tradução da editora HUCITEC, de 1997, porque foi feita a partir da transcrição de Marinoni, ou seja, vou retraduzir a partir do mesmo texto de partida utilizado pela primeira tradução.

Giuliana Berlinguer. Na ocasião do trabalho de tradução dessa antologia com textos de Leonardo, Sartori era mestrande em língua e literatura italiana na Universidade de São Paulo, sob orientação de Carmelo Distante, que é creditado também como idealizador e organizador do livro da editora HUCITEC (cf. VINCI, 1997). Considerando que existem diversos processos e pessoas envolvidas na edição de um livro em tradução, não farei referência, na análise que segue, ao nome específico da tradutora. Em vez disso, usarei “a tradução de 1997”, assumindo que as escolhas de tradução e o projeto editorial não são responsabilidade apenas da tradutora, e portanto as críticas não devem ser dirigidas somente à tarefa dela.

Vejamos o texto de Leonardo e a tradução de 1997:

*Texto-fonte* (VINCI, 1997, p. 172)

PROEMIO. Vedendo io non potere pigliare materia di grande utilità o diletto, perché li omini innanzi a me nati hanno preso per loro tutte l'uti[li] e necessarie teme, farò come colui il quale per povertà giugne l'ultimo alla fiera, e non potendo d'altro fornirsi, piglia tutte cose già da altri viste e non accettate, ma rifiutate per la loro poca valitudine. Io questa disprezzata e rifiutata mercanzia, rimanente de' molti compratori, metterò sopra la mia debole soma, e con quella, non per le grosse città, ma povere ville andrò distribuendo, pigliando tal premio qual merita la cosa da me data.

*Tradução de 1997*(VINCI, 1997, p. 173-5)

PROÊMIO. Vendo que não posso encontrar assunto de muita utilidade ou deleite, porque os homens que viveram antes de mim aproveitaram todos os temas úteis e necessários, farei como aquele que por pobreza chega à feira por último e, não podendo prover-se de outra coisa, pega tudo o que os demais já tinham visto e refutado em razão de seu escasso valor. Nesta desprezada e rejeitada mercadoria, que sobrou dos muitos compradores, investirei meu minguado dinheiro e com ela, não pelas grandes cidades, mas pelos pobres vilarejos, irei repartindo-a, recolhendo a recompensa merecida pelo que eu tenha oferecido.

Antes de partir para a análise da tradução, é preciso registrar que, ao fim do trecho, na tradução de 1997, consta a seguinte nota de rodapé: “Neste proêmio, como nos números 7 e 10, Leonardo ironiza os estudos de metafísica, por não poderem ser provados.” (VINCI, 1997, p. 175). Essa nota, embora não tenha relação direta com a tradução em si, nos diz algo sobre o projeto de edição: a nota parece ter o objetivo de

informar os leitores e leitoras sobre algumas intenções do autor, que não ficariam evidentes pela leitura direta do trecho. O que se poderia questionar, em primeiro lugar, é a falta de assinatura na nota, pois ficamos sem saber se quem a escreveu foi a editora, a tradutora ou Carmelo Distante, o apresentador e prefaciador do livro. Em segundo lugar, podemos observar a ausência de referência, ou seja, de onde vem a informação segundo a qual Leonardo “ironiza os estudos de metafísica”? Em terceiro lugar, seria válido perguntar qual é a relevância que essa informação, desde que fundamentada, teria para a leitura do texto em si, já que o livro em questão (VINCI, 1997) não é uma edição comentada/annotada: as notas são esparsas e, como no caso desse prêmio, sem assinatura e referência.

Traduzir é uma maneira mais ou menos sofisticada de apresentar uma leitura de uma língua para outra. Quando se trata de um texto antigo, aumentam significativamente as dificuldades linguísticas diacrônicas (um texto escrito por um florentino no século XV é naturalmente complicado, mesmo para italianos letrados do século XXI, dos quais exigirá uma interpretação intralingual, nos termos de Jakobson, 2005). É possível depreender, da existência da nota acima transcrita, um propósito editorial de tradução como interpretação no sentido de “vulgarização” do pensamento complexo que se pode esperar de um autor como Leonardo da Vinci. Em outras palavras, essa nota de pé de página indica que a tradução teve como projeto essa vulgarização, como se pode perceber pelas escolhas lexicais e sintáticas da tradução de 1997. É importante ressaltar, porém, que os termos “vulgarização”, “vulgarizar” etc. não têm aqui um valor negativo e devem ser tomados no sentido de “tornar vulgar ou notório; propagar, divulgar, difundir” (FERREIRA, 2004), isto é, no sentido positivo de popularização, esforço de tornar algo acessível a um público mais amplo. Em suma, o termo “vulgarização” aqui remete ao sentido em que era empregado por tradutores de línguas clássicas para as línguas vernáculas (veja-se, por exemplo, o *Proemio delvolgarizzatore*, de Giovanni Boccaccio, que traduzia do latim para o italiano no século XIV – BOCCACCIO, 2005, p. 28).

A primeira característica perceptível da tradução de 1997 (publicada pela editora como a primeira em língua portuguesa) é uma linguagem que poderíamos chamar de contemporânea, um português brasileiro aceito pela gramática normativa, com certo ritmo aplanador e não marcado. Na primeira frase isso já fica evidente, com a opção de inserir um *que* onde no texto de partida ocorre uma série verbal com elipse:

*vedendo io non potere pigliare* ficou *vendo que não posso encontrar*. Isso se deve também a uma característica comum a traduções, que, conforme Pym, comentando a definição de *explicitação* feita por Blum-Kulka, “[...] tendem a usar mais marcadores sintáticos do que não traduções o fazem”<sup>3</sup> (2010, localização 2246)<sup>4</sup>. A tradução de 1997 parece ter buscado privilegiar o sentido geral da frase, e não tanto a significância do texto de partida, escapando de uma tradução voltada para a sintaxe antiga, que, de resto, me soa possível em português. O projeto de 1997, então, promove a tradução de *pigliare* (“pegar, tomar”) por *encontrar*.

Antoine Berman apresenta algumas “tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’.” (2013, p. 67)<sup>5</sup>. Embora essa denominação “tendências deformadoras” talvez soe um pouco cruel, me parece ainda um interessante elenco de características comuns a muitas traduções. Ademais, uma crítica de tradução não é necessariamente uma crítica pessoal. Quem garante que o projeto não advenha dos interesses do mercado editorial? Para Susan Bassnet e André Lefevere, por exemplo, “[t]odas as reescritas, não importa a intenção delas, refletem uma certa ideologia e uma poética e, assim, manipulam a literatura para funcionar em uma dada sociedade em uma dada maneira.”<sup>6</sup> (1992, vii) A tradução é uma reescrita profunda e não poderia escapar desses processos de manipulação, principalmente se está inserida em outras reescritas, como a edição de um livro. Minha tarefa aqui é propor ainda outras reescritas, que também refletem ideologias. E talvez eu possa dizer que me sinto bastante livre, por estar praticando essa reescrita num contexto acadêmico, de uma universidade pública. É um ambiente que favorece a reflexão e valoriza o caráter vital que Antoine Berman atribui à tarefa crítica:

[a] crítica de obras de língua é portanto uma coisa vital para as obras e, conseqüentemente, para o existir humano, na medida em que ele é também, e essencialmente, *um existir nas e pelas obras*. Naturalmente, essa alta missão da crítica não é sempre fácil de assumir, e a crítica deve sempre lutar contra uma degradação erudita, cientista ou puramente formalista de sua prática.<sup>7</sup> (1995, p. 39-40, itálicos na edição consultada).

<sup>3</sup> “[...] tend to use more syntactic markers than do non-translations”.

<sup>4</sup> Referência à localização do trecho citado conforme o arquivo mobi (e-book) em que a obra foi consultada.

<sup>5</sup> Cito Berman na tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini.

<sup>6</sup> “All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way.”

<sup>7</sup> “La critique de œuvres langagières est donc une chose vitale pour les oeuvres, e par voie de conséquence pour l’existenç humano en tant qu’il est aussi, et essentiellement, *un exister dans et par les œuvres*.”

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 35-52, 2016.

Berman escreveu o trecho de onde tirei a citação acima alguns anos depois de ter escrito sobre as “tendências deformadoras”, de modo que se pode ler uma espécie de contemporização feita pelo autor em relação à interpretação da própria obra. Ou seja, Berman procurou suavizar a ideia de “deformação”, alertando para o fato de não devermos seguir à risca a reflexão que ele fez a partir de sua própria experiência de tradutor e crítico. Assim, sem pretender ser “erudito, cientista ou puramente formalista”, considero aqui os aspectos ideológicos implicados na tarefa tradutória, principalmente naquela que vem a compor livros comerciais. Entretanto, a crítica textual é inevitavelmente formal. E é aqui que as tendências identificadas por Berman podem ajudar, já que, para fazer crítica, é necessário ter critério. Por exemplo, o que ele chama de *racionalização*, que “faz passar o original do concreto ao abstrato, não somente ao reordenar linearmente a estrutura sintática, mas, por exemplo, ao traduzir os verbos por substantivos, escolhendo entre dois substantivos o mais geral.” (BERMAN, 2013, p. 69). Talvez isso esteja ocorrendo na tradução acima apresentada, e também nos casos de *grande* (“grande”), que foi traduzido por *muita*, e em *li omini innanzi a me nati*, que ficou *os homens que viveram antes de mim*.

Esse segundo caso chama a atenção pela troca de *nati* (“nascidos”) por *viveram*. Tal trecho poderia ser traduzido “literalmente” como “os homens antes de mim nascidos”, ou, se a intenção fosse abrigar, “os homens que nasceram antes de mim”. O que observo aqui é que a tradução de 1997 preferiu não tentara manifestação do ritmo e da poética do texto de partida (não menciono a questão semântica, segundo a qual “nascidos” expressa algo diverso de “viveram”). Essa observação se fundamenta nas ideias de Henri Meschonnic, para quem “[m]ais do que o sentido, e mesmo aí onde o sentido das palavras não é modificado, o ritmo transforma o modo de significar. O que é dito muda completamente, conforme levamos em conta esse ritmo ou não, a significância ou não.”<sup>8</sup> (2010, p. 46). Uma possível resposta pode ser encontrada em outra das “tendências deformadoras” notadas por Berman. Nesse caso, porém, podemos estar diante de um caso de *clarificação*:

Trata-se de um corolário da racionalização mas que concerne particularmente ao nível de “clareza” sensível das palavras ou de seus sentidos. Onde o

---

Naturellement, cette haute mission de la critique n'est pas toujours facile à assumer, et le critique doit toujours lutter contre une dégradation érudite, scientiste ou purement formaliste de sa pratique.”

<sup>8</sup> Cito Meschonnic na tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 35-52, 2016.

original se move sem problema (e com uma necessidade própria) no indefinido, a clarificação tende a impor algo definido. (BERMAN, 2013, p. 70).

Com essas considerações de Meschonnic e Berman em mente, vejamos como foi traduzida a sequência *hanno preso per loro tutt'uti[li]<sup>9</sup> e necessarie teme*. A tradução de 1997 é: *aproveitaram todos os temas úteis e necessários*. O que se questiona é a tradução de *hanno preso per loro* (“pegaram/tomaram para si”) por *aproveitaram*. Esse questionamento se baseia na leitura de que “aproveitar” manifesta outra poética, além de semanticamente se referir a outro tipo de ação (pode-se pegar algo para si apenas por egoísmo, sem nenhum aproveitamento). Tentando trazer o ritmo do texto italiano para o português e, ao mesmo tempo, buscando uma versão literalizante, é possível traduzir *hanno preso per loro tutt'utili e necessarie teme* por *pegaram para si todos os úteis e necessários temas*.

Outro traço que caracteriza a tradução de 1997 é a tentativa de evitar a repetição de palavras. Por exemplo, ao traduzir *altro* (“outro”) e *altri* (“outros”), no contexto *non potendo d'altro fornirsi, pigliatutte cose già da altri viste e non accettate*, a tradução de 1997 optou pela seguinte solução: *não podendo prover-se de outra coisa, pega tudo o que os demais já tinham visto e refutado*, em que “outra coisa” está para *altro* e “os demais” está para *altri*. Deixando de lado a tradução de *fornirsi* (“fornir-se”) por *prover-se*, e a troca da negação *non accettate* (“não aceita”) pela afirmação *refutado*, observa-se uma reformulação do ritmo da enunciação, que poderia ser traduzida, mantendo a poética do italiano, por *não podendo de outro fornir-se, pega todas as coisas já por outros vistas e não aceita*.

Isso permitiria, de resto, não cortar nenhum trecho do texto, como o fez a tradução de 1997, ao amalgamar as duas últimas orações para realizar uma sentença inteira em tom explicativo. Aqui talvez se opere o que Berman chama de *enobrecimento*, outra das tendências deformadoras da tradução, caracterizada por ser “somente uma reescritura”: “Este procedimento é costumeiro no campo literário, mas também no das ciências humanas onde ele produz textos ‘legíveis’, ‘brilhantes’, ‘elevados’, sem os seus pesos de origem em prol do ‘sentido’” (BERMAN, 2013, p.74). Ora, os textos de Leonardo da Vinci são marcados exatamente pela fragmentação. A

---

<sup>9</sup>Os colchetes foram inseridos por Marinoni, que transcreveu o trecho dos manuscritos e completou o restante da palavra, que estava anotada abreviadamente, como acontece muitas vezes nos escritos de Leonardo.

julgar por suas características repetições de palavras (e justamente a palavra *cosa*), podemos inclusive apontar para uma “falta de brilho” e de “elevação”, elementos que se esperam de um autor tido como genial. Talvez assim seja possível compreender a tentativa de enobrecimento que um texto seu possa provocar em um projeto tradutório. Na retradução a ser apresentada a seguir, porém, se procurará manter o “peso” e a “opacidade” do texto italiano.

As frases subsequentes seguem o padrão vulgarizador das anteriores, alterando principalmente a poética do italiano, dando a entender que o projeto da tradução era mesmo valorizar o “sentido geral” do que Leonardo da Vinci escreveu. Entretanto, quando chegamos na frase *Io questa disprezzata e rifiutata mercanzia, rimanente de' molti compratori, metterò sopra la mia debole soma*, precisamos fazer uma consideração mais detida, uma vez que a tradução dá um passo maior no processo de afastamento, não apenas do “ritmo como modo de dizer” (MESCHONNIC, 2010, p. 45), mas principalmente da referência semântica. A tradução de 1997 apresenta: *Nesta desprezada e rejeitada mercadoria, que sobrou dos muitos compradores, investirei meu minguido dinheiro*. Logo se pode perceber uma reformulação sintática: inserção da preposição *em*, onde no texto de partida estava o pronome *io* (“eu”). A explicação para essa escolha parece residir num equívoco de interpretação lexical, qual seja, na compreensão da palavra *soma*, que um dicionário italiano-português esclarece: “carga, peso que uma besta pode transportar” (AMENDOLA, 1961). Aparentemente, o que houve foi uma confusão com a palavra *somma*, que o mesmo dicionário de João Amendola define como “soma; [...] certa quantia em dinheiro”. Assim, explica-se o porquê da inversão sintática, da inserção da preposição *em*, da tradução de *debole* (“débil, fraco, frágil”) por *minguido* e, sobretudo, de *soma* (“carga”) por *dinheiro*.

Por fim, podemos discutir a escolha de traduzir *distribuendo* por *repartindo-a*. Aqui, além de se questionar a inserção de um pronome (*a*), poderia ser apontada uma contradição com a linguagem contemporânea e vulgarizadora usada até então pela tradução de 1997; isto é, “distribuindo”, além de ser mais condizente com o ritmo e com o termo italiano, seria mais condizente com o português brasileiro (mesmo em 1997), que costuma evitar o uso de ênclise (mesmo na escrita).

Como dito anteriormente, sabe-se que nem sempre a escolha de um produto final de tradução é da pessoa que de fato realizou a tradução. Existem diversas questões envolvidas na publicação de um livro, e muitas vezes quem decide a forma final tem

como critérios questões que ultrapassam a fronteira estrita do texto. Um estudo mais detido sobre o livro todo poderia, talvez, deixar menos sombras sobre o projeto de tradução de Leonardo da Vinci que veio à luz em 1997.

## 2. Proposta de retradução

A definição de *retradução* utilizada é aquela presente em Gambier: “Uma nova tradução, em uma mesma língua, dum texto já traduzido, por inteiro ou em parte.”<sup>10</sup>(1994, p. 413). Mas por que traduzir de novo? Uma possível resposta é oferecida pelo próprio Gambier, que, retomando Berman, diz:

Pode-se pretender que uma primeira tradução tem sempre tendência a ser mais assimiladora, a reduzir a alteridade em nome de imperativos culturais, editoriais: se fazem cortes, se rearranja o original em nome de uma certa legibilidade, essa mesma um critério de venda.<sup>11</sup> (GAMBIER, 1994, p. 414).

A retradução, portanto, teria mais possibilidade de ser literalizante. Como afirma Berman, “*a tradução literal é obrigatoriamente uma retradução, e vice-versa*”(2013, p. 13, itálicos na edição consultada). Mesmo que Yves Gambier tenha revisto sua posição quanto à chamada “hipótese da retradução” (e, de modo geral, tenha passado a criticar em Berman uma certa visão “essencialista” – veja GAMBIER, 2012), este meu exercício não desconstrói essa hipótese. Portanto, aceito aqui a ideia de que as traduções mais recentes tenderiam a se aproximar mais do texto de partida<sup>12</sup> (GAMBIER, 2012, p. 49). Minha tarefa se apoia nessa ideia para justificar a proposta de uma tradução “literal, ética”, que “consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.” (BERMAN, 2013, p. 95). Ou seja, a intenção é evitar uma tradução homogeneizadora, aplanadora ou mesmo embelezadora; a ideia é fazer, em certo sentido, o caminho contrário do percorrido pela tradução analisada até esse momento, porque “emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la e, portanto, enganar o leitor a quem se pretende servir. Precisa-se, antes, como no caso da ciência, de uma *educação à estranheza*” (BERMAN, 2013, p. 93, itálicos na edição consultada). Isso me parece perfeitamente de acordo com a natureza dos escritos de Leonardo da Vinci, que são

<sup>10</sup>“Une nouvelle traduction, dans une même langue, d’un texte déjà traduit, en entier ou en partie”.

<sup>11</sup>“On peut prétendre qu’une première traduction a toujours tendance à être plutôt assimilatrice, à réduire l’altérité au nom d’impératifs culturels, éditoriaux : on fait des coupures, on réarrange l’original au nom d’une certaine lisibilité, elle-même critère de vente”.

<sup>12</sup>“Les traductions les plus récentes tendraient à être toujours plus sourcières”.

textos reveladores de pensamentos renascentistas, que ajudaram a criar a ciência tal como ela se apresenta hoje e, portanto, textos que contribuíram e podem contribuir ainda para uma educação à estranheza. Lembrando o que Fausto da Longiano dizia, em 1556, ou seja, algumas décadas depois da morte de Leonardo: as palavras estrangeiras “[...] é preciso tolerá-las, ainda que fossem tanto duras quanto ásperas; cada palavra, seja dura, seja áspera, com o uso frequente se torna doce e mole, e de alheia se faz própria”<sup>13</sup> (LONGIANO, 2005, p. 40). Mais precisamente,

tratando das individualidades de arte e ciência, vos digo ser necessário usar os termos seus, e as palavras próprias e expressivas dos conceitos daquela ciência e daquela arte; de outro modo não se entenderá jamais.<sup>14</sup> (2005, p. 52).

Mesmo que a poética de Leonardo da Vinci não fosse fluente, tentar seguir o que ele mesmo sugeriria, “[a] imitação das coisas antigas é mais louvável que a das modernas”<sup>15</sup>, poderia ampliar tanto o nosso conhecimento a respeito da sua obra, quanto contribuir para o (re)conhecimento das particularidades da tradução do italiano para o português. Fazer, então, uma tradução ética de Leonardo da Vinci me parece ser procurar preservar esse “espírito de imitação das coisas antigas”, tentando manifestar aqui também o ritmo, a poética de seus textos. Essas noções, evidentemente, vêm de Henri Meschonnic:

[...] entendo o ritmo como a organização e a própria operação do sentido no discurso. A organização (da prosódia à entonação) da subjetividade e da especificidade de um discurso: sua historicidade. Não mais um oposto do sentido, mas a significação generalizada de um discurso. O que se impõe imediatamente como o objetivo da tradução. O objetivo da tradução não é mais o sentido, mas bem mais que o sentido, e que o inclui: o modo de significar. (2010, p. 43).

Considero o português brasileiro bastante receptivo ao italiano, tanto em termos lexicais, semânticos, sintáticos, quanto em termos de discurso e enunciação. A língua padrão escrita no Brasil tem espaço para abrigar sem grandes estranhamentos o italiano florentino de Leonardo, não apenas pelo fato de que ambas são línguas latinas, mas porque o autor em questão escrevia de modo simples o suficiente para ser lido

<sup>13</sup> “[...] bisogna tollerarle, ancora che fussero e dure e aspre; ogni parola e dura e aspra con l'uso frequente diviene dolce e molle, e d'aliena fassi propria”.

<sup>14</sup> “[...] venendo a gl'individui de l'arti e de scienze vi dico essere necessario usare i termini soi, e le parole proprie espressive de i concetti di quella scienza e di quell'arte, altrimenti non s'intenderà mai.”

<sup>15</sup> “L'imitazione delle cose antiche è più laudabile che le moderne.” (VINCI, 1979, p. 89).

universalmente, contrastando com o estilo “boccaccesco” que, segundo Edmondo Solmi (VINCI, 1979, p. 25), marca a prosa “acadêmica” italiana desde o Século XIV.

Como já pôde ser observado pelos comentários feitos anteriormente em relação à tradução de 1997, o exercício aqui é fazer uma tradução literalizante, evitando as “tendências deformadoras” observadas por Berman, e ao mesmo tempo procurar ter sempre em mente as ideias de Meschonnic sobre o ritmo. De modo experimental, este exercício parte também de um princípio segundo o qual se a literalidade é possível, ela é necessária.

O que acontece em projetos de tradução que procuram fugir das soluções literais é a abertura para o risco de os leitores e as leitoras se sentirem subestimados/as, sobretudo quando o texto de partida vem colocado disponível para comparação, e ainda mais quando se tratam de textos em línguas aparentadas. Identifico essa fuga na tradução brasileira de 1997 (o momento mais evidente é na tradução de *matéria di grande utilità* por *assunto de muita utilidade*). Para auxiliar no experimento de “literalização”, busco ideias de Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, que, organizando procedimentos tradutórios, definiam tradução literal (catalogado pelos autores como “procedimento n° 3”) assim:

A tradução literal, ou palavra por palavra, designa a passagem da língua de partida à língua de chegada que resulta em um texto ao mesmo tempo correto e idiomático, sem que o tradutor tenha que se preocupar com outra coisa além das obrigações linguísticas<sup>16</sup> (1972, p. 48).

Os procedimentos descritos por esses autores, embora às vezes sejam considerados superados teoricamente (veja-se, por exemplo, a revisão apresentada por Pym, 2014), são úteis para o presente exercício. A aproximação que busco encontrar entre teóricos aparentemente tão distantes (não é comum relacionar Vinay & Darbelnet com Berman e Meschonnic) se justifica porque Vinay & Darbelnet oferecem um método explícito de tradução, enquanto Berman e Meschonnic contribuem principalmente para fazer uma crítica. Ou seja, com essa aproximação pretendo dar conta de aspectos pré-tradutórios e também pós-tradutórios.

Isso posto, passemos a uma proposta de retradução.

---

<sup>16</sup>“La traduction littérale ou mot à mot désigne le passage de LD à LA aboutissant à un texte à la fois correct et idiomatique sans que le traducteur ait eu à se soucier d'autre chose que des servitudes linguistiques”.

*Texto-fonte*(VINCI, 1997, p.172)

PROEMIO. Vedendo io non potere pigliare materia di grande utilità o diletto, perché li omini innanzi a me nati hanno preso per loro tutte l'uti[li] e necessarie teme, farò come colui il quale per povertà giugne l'ultimo alla fiera, e non potendo d'altro fornirsi, piglia tutte cose già da altri viste e non accettate, ma rifiutate per la loro poca valitudine. Io questa disprezzata e rifiutata mercanzia, rimanente de' molti compratori, metterò sopra la mia debole soma, e con quella, non per le grosse città, ma povere ville andrò distribuendo, pigliando tal premio qual merita la cosa da me data.

*Minha tradução*

PROÊMIO. Vendo eu não poder pegar matéria de grande utilidade ou deleite, porque os homens antes de mim nascidos tomaram para si todos os úteis e necessários temas, farei como aquele que, por pobreza, chega por último à feira e, não podendo de outro fornir-se, pega todas as coisas por outros já vistas e não aceitas, mas refutadas pela sua pouca validade. Eu, essa desprezada e refutada mercancia, remanescente dos muitos compradores, colocarei sobre a minha débil carga, e com aquela, não pelas grandes cidades, mas pobres aldeias, irei distribuindo, pegando tal prêmio que merece a coisa por mim dada.

Pode-se observar, talvez, que a tradução recém proposta apresenta uma literalidade “radical”, a ponto de ser considerada “servil”. Procurou-se respeitar, inclusive, a semelhança fonológica entre o texto italiano e o brasileiro (“a semelhança fonológica é sentida como um parentesco semântico” – JAKOBSON, 2005, p. 71). Essa retradução foi feita principalmente com uma técnica de substituição lexical e, em alguns momentos, apenas ortográfica. Por exemplo, *Vedendo io non potere pigliare matéria di grande utilità o diletto* ficou simplesmente *Vendo eu não poder pegar matéria de grande utilidade ou deleite*, onde ocorreu substituição restrita de alguns vocábulos (*io* – eu, *non* – não) e correção ortográfica em outros (*vedendo* – vendo, *materia* – matéria). Evidentemente, espera-se uma reação de estranhamento, mas não de incompreensão. A tradução é sim “estranha”, mas o estranhamento parece se dar sobretudo pela distância

de tempo que há entre os leitores do século XXI e o texto de partida, datado do século XV.

A tentativa de preservar o ritmo e o processo de literalização permitem que não sejam cortados trechos do texto de partida. Buscou-se, também, manter as referências semânticas, como em *os homens antes de mim nascidos tomaram para si todos os úteis e necessários temas*, e não *os homens que viveram antes de mim aproveitaram todos os úteis e necessários temas*, como a tradução anterior propôs. Essa escolha se baseia na ideia de evitar a “tendência deformadora” que Berman chama de *empobrecimento qualitativo*, que

[...] remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante ou — melhor — icônica. É icônico o termo que, em relação ao seu referente, “cria imagem”, produz uma consciência de semelhança. (2013, p. 75).

Um outro caso em que tentei evitar a fuga ao “empobrecimento qualitativo” é na escolha pela palavra *validade*, a fim de traduzir *valitudine*, no contexto *rifiutate per la loro poça valitudine*. No dicionário da Accademia della Crusca, consta *valitudine/valetudine* com o sentido de *sanità* (sanidade). Edmondo Solmi, porém, em sua transcrição desse proêmio de Leonardo da Vinci, coloca uma nota na palavra *valitudine* e afirma que ela tem o sentido de “*valore, pregio*” (VINCI, 1979, p. 107), ou seja, “valor, apreço”. A tradução de 1997 optou por *valor*, mas aqui preferi o termo *validade*, porque essa palavra em português manifesta, ao mesmo tempo, “qualidade ou condição de válido” e “valor” (FERREIRA, 2004), de modo que foi empregada para tentar preservar o ritmo, a polissemia e a “imagem”, segundo minha leitura, manifestadas no texto italiano, uma vez que “validade”, em contexto de produtos alimentícios, que é o contexto do texto de partida, remete à sanidade dos alimentos. Portanto, *rifiutate per la loro poça valitudine* ficou *refutadas pela sua pouca validade*. Essa escolha tradutória se justifica também no aspecto mencionado por Jakobson (2005, p. 71), quanto à semelhança fonológica oferecera impressão de semelhança semântica (impressão que, de resto, é própria da linguagem poética).

Foi dito acima que “o estranhamento parece se dar sobretudo pela distância de tempo que há entre os leitores do século XXI e o texto de partida, datado do século XV”. Mas será que não existem estranhezas provocadas por uma “literalidade exagerada” dessa proposta de retradução? Será que não existem elementos agramaticais

de natureza sincrônica, tais como equívocos de tradução gerados pelo esforço de se aproximar do texto de partida?

Um exemplo que pode provocar essa suspeita é o caso de *non potendo d'altro fornirsi*, que na retradução apresentada ficou *não podendo de outro fornir-se*, expressão na qual parece se fazer sentir a falta de um objeto para "outro". Ou seja, na sintaxe do português (independentemente de ser brasileiro, contemporâneo ou não), parece faltar um complemento, uma resposta à pergunta "outro o quê?". A resposta oferecida pela tradução de 1997 é "outra coisa"; portanto, naquela tradução, o trecho ficou *prover-se de outra coisa*. Se observarmos que, em outros casos, a palavra *altro* será traduzida por "outra(s) coisa(s)", como em "*tral'altro*" (literalmente, "entre o outro", mas que em português é comumente expressado por "entre outras coisas"), devemos repensar o resultado do exercício de retradução recém feito. Essa situação talvez evidencie um caso em que o estranhamento diante da tradução literalizante se dá pelo radicalismo, capaz de conduzir o tradutor ao equívoco.

Muitas vezes, pode-se proceder dessa forma, fazendo uma tradução literal radical, para que depois se passe a uma tradução mais de acordo com a linguagem contemporânea, sem, no entanto, cair nas tais tendências deformadoras apontadas por Berman. Por exemplo, depois de ter traduzido *Vedendo io non potere pigliare matèria di grande utilità o dileto* como *Vendo eu não poder pegar matèria de grande utilidade ou deleite*, seria possível fazer uma reformulação assim: *Vendo eu que não posso pegar matèria de grande utilidade ou deleite*. Dessa maneira, pode-se chegar a uma espécie de meio termo entre a tradução radicalmente literal e a tradução vulgarizadora. De acordo com Vinay & Darbelnet,

[m]as se, uma vez atendido o procedimento n° 3, a tradução literal é reconhecida como inaceitável pelo tradutor, é preciso recorrer a uma tradução oblíqua. Por inaceitável, entendemos que a mensagem, tal como se deixa traduzir literalmente, (a) dá um outro sentido, (b) não tem sentido, (c) é impossível por razões estruturais, (d) não corresponde a nada na metalinguística da língua de chegada, (e) corresponde sim a alguma coisa, mas não no mesmo nível de língua.<sup>17</sup>(1972, p. 49).

<sup>17</sup>«Mais si, une fois ce procédé N° 3 atteint, la traduction littérale est reconnue inacceptable par le traducteur, il faut recourir à une traduction oblique. Par inacceptable, nous entendons que le message, tel qu'il se laisse rédiger littéralement, (a) donne un autre sens (b) n'a pas de sens (c) est impossible pour des raisons structurales (d) ne correspond à rien dans la métalinguistique de LA (e) correspond bien à quelque chose, mais non pas au même niveau de langue».

No caso presente, pode-se considerar que a tradução literal realizada não atende a uma razão estrutural da língua de chegada (por exemplo, a necessidade de objeto para “outro”). Podemos pensar, portanto, em apresentar uma terceira versão do proêmio de Leonardo da Vinci, uma versão que, levando em conta principalmente o ritmo, para não transformar o modo de significar, também não transtorne formalmente a leitura na língua de chegada. Como diz Steiner, “[o] estabelecimento da reciprocidade para reconstituir o equilíbrio é o coração do *métier* e a base moral da tradução”<sup>18</sup> (STEINER, 2005, p. 321, *italico na edição consultada*). Nesse sentido, buscarei fazer agora o que Steiner chama de “compensação” ou “restituição”:

[a] tradução restaura o equilíbrio entre ela e o original, entre a língua-fonte e a língua-receptora, equilíbrio que foi rompido pelo ataque interpretativo e pela apropriação do tradutor. O paradigma da tradução permanece incompleto até que a reciprocidade tenha sido alcançada [...]. (2005, p.414).

Se antes foi praticada uma tradução literal radical, agora talvez seja o momento de tentar uma “equidade radical”: “[a] tradução falha quando não oferece compensação, quando não há nenhuma recuperação da equidade radical” (STEINER, 2005, p. 415). É de se acreditar, então, que seja possível e desejável encontrar um meio termo.

### 3. Segunda proposta de retradução

Uma das virtudes da retradução é poder fazer experiências, reflexões e cometer equívocos diferentes dos cometidos por traduções anteriores, além de deixar ainda mais evidente que a tradução, como qualquer escrita, é um processo potencialmente infinito de renúncias e escolhas. Para Oliveira,

[r]etraduzimos não porque a tradução “envelheceu” ou mesmo porque o “original mudou”, mas porque mudou nosso modo de nos relacionarmos com aqueles textos (aí entendidos o texto-fonte e as anteriores traduções, se é que, em se tratando de retradução, não constituem elas mesmas, as traduções anteriores, uma espécie de texto-fonte). (2014, p. 137).

Assim, como forma de conclusão deste artigo, apresento a seguir uma terceira alternativa de tradução do proêmio de Leonardo da Vinci.

---

<sup>18</sup>Cito Steiner na tradução de Carlos Alberto Faraco.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 35-52, 2016.

*Texto de partida*(VINCI, 1997, p. 172)

PROEMIO. Vedendo io non potere pigliare materia di grande utilità o diletto, perché li omini innanzi a me nati hanno preso per loro tutte l'uti[li] e necessarie teme, farò come colui il quale per povertà giugne l'ultimo alla fiera, e non potendo d'altro fornirsi, piglia tutte cose già da altri viste e non accettate, ma rifiutate per la loro poca valitudine. Io questa disprezzata e rifiutata mercanzia, rimanente de' molti compratori, metterò sopra la mia debole soma, e con quella, non per le grosse città, ma povere ville andrò distribuendo, pigliando tal premio qual merita la cosa da me data.

*Minhatradução 2*

PROÊMIO. Vendo eu que não posso pegar matéria de grande utilidade ou deleite, porque os homens antes de mim nascidos tomaram para si todos os úteis e necessários temas, farei como aquele que, por pobreza, chega por último à feira e, não podendo de outra coisa fornir-se, pega todas as coisas já por outros vistas e não aceitas, mas refutadas pela sua pouca validade. Eu, essa desprezada e refutada mercancia, remanescente dos muitos compradores, colocarei sobre a minha débil carga, e com essa, não pelas grandes cidades, mas pobres aldeias, irei distribuindo, pegando o prêmio que merece a coisa por mim dada.

Talvez não tenham ocorrido grandes alterações, mas procurei resolver algumas questões sintáticas: além de tentar reduzir o estranhamento, talvez exagerado, causado pelas elipses da frase inicial (*vedendo io non potere pigliare*, que ficou *vendo eu que não posso pegar*), traduzi agora *d'altro* por *de outras coisas*. De acordo com a mesma ideia de reduzir o estranhamento causado pela suspeita de que o texto de chegada poderia estar apresentando agramaticalidades, realizei também, no fim do trecho, a tradução de *tal* por *o*; assim, *pigliando tal premio* ficou *pegando o prêmio*.

Evidentemente, essa é apenas uma proposta, em caráter de exercício tradutório, que tentou unir procedimentos literalizantes a uma concepção de tradução que leva bastante em conta o ritmo. Outros projetos geram outros resultados, que serão sempre parciais. Como lembra Oliveira, “[u]ma obra é cada vez melhor compreendida (ou mais

amplamente compreendida), quanto mais traduções há dela, visão que traz consigo a ideia de que tradução é crítica e, como tal, engendra um modo de ver e dizer o texto” (2014, p.137). Ou então, nas palavras de Berman: “[a] crítica de uma tradução é a crítica de um texto que, ele mesmo, resulta de um trabalho de ordem crítica.”<sup>19</sup> (1995, p. 41, itálicos na edição consultada).

Deixam-se em aberto outras possibilidades, sobretudo porque existem diferentes traduções desse proêmio e de outros textos de Leonardo da Vinci, que poderiam também entrar em análises comparativas e na dialética da retradução. Essa tarefa crítica que, como lembra Berman, deve “[...] preparar o espaço de jogo de uma retradução sem ser ‘aquele que dá conselhos’<sup>20</sup>” (1995, p. 17, itálicos na edição consultada), encontra um ambiente privilegiado em um artigo acadêmico, sem as contingências existentes no contexto em que se insere a tradução de 1997 (por exemplo, os critérios do mercado editorial). Justifico, portanto, minhas retraduições também nesse sentido, tentando mostrar como um contexto aberto a comentários sobre o projeto tradutório pode favorecer determinadas formas e não outras.

## Referências

AMENDOLA, João. **Dicionário Italiano Português**. São Paulo: Editora Fulgor, 1961.

ACCADEMIA della Crusca. **Vocabolario**. Disponível em <http://www.lessicografia.it/> Consultado em 20/03/2016.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

\_\_\_\_\_. **A tradução e a letra ou o albergue longínquo**. Tubarão: Copiart/Florianoópolis: PGET, Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan & Andréia Guerini, 2013.

BOCCACCIO, Giovanni. “Proêmio del volgarizzatore”. In: **Clássicos da teoria da tradução**. Antologia bilíngue. Andréia Guerini, Maria Teresa Arrigoni (orgs.). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2005.

CARREIRA, Eduardo. **Os escritos de Leonardo da Vinci sobre a arte da pintura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

<sup>19</sup>“La critique d’une traduction est donc celle d’un texte qui, lui-même, résulte d’un travail d’ordre critique.”

<sup>20</sup> “[...] préparer l’espace de jeu d’une retraduction sans faire ‘le donneur de conseils’”.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 35-52, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Positivo Informática LTDA, 2004. Versão 5.0. 1 CD-ROM.

GAMBIER, Yves. “La retraduction, retour et detour”. In: **Meta**, Toronto, v. 39, n. 3, p. 413-417, 1994. Disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/002799ar>. Consulta em 15/01/2016

\_\_\_\_\_. “La retraduction: ambiguïtés et défis”. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) **Autour de la retraduction**. Paris:Orizons, 2012, p. 49-67.

JAKOBSON, Roman. “Aspectoslinguísticos da tradução”. In: \_\_\_\_\_. **Linguística e Comunicação**. Tradução de IzidoroBlikstein e José Paulo Paes. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 63-72.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London/ New York: Routledge, 1992.

LONGIANO, Sebastiano Fausto da. "Dialogo del Fausto da Longiano del modo de lo tradurre d'una in altra lingua secondo le regole mostrate da Cicerone". In: **Clássicos da teoria da tradução**. Antologia bilíngue. Andréia Guerini, Maria Teresa Arrigoni (orgs.). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2005.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MUSEO Nazionale Scienza e Tecnologia Leonardo Da Vinci. Disponível em <http://www.museoscienza.org/leonardo/manoscritti/>. Consulta em 10/03/2016.

OLIVEIRA, Thiago Mattos de. “Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman”. In: **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. V.2 No.1, pp. 125 – 141. Juiz de Fora:UFJF, 2014.

PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. London and New York: London: Routledge, 2010.E-book.

VINAY, Jean-Paul;DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier, 1972.

VINCI, Leonardo da.**Frammenti letterari e filosofici**. A cura di Edmondo Solmi. Firenze: Giunti Barbèra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Obras literárias, filosóficas e morais**. Tradução de Roseli Sartori. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Scritti scelti di Leonardo da Vinci**. A cura di Anna Maria Brizio. Milano: Mondadori, 2009.

\_\_\_\_\_.**Scritti letterari**. A cura di Augusto Marinoni. Milano: Rizzoli BUR, 1980.